

SINTO FALTA DE APENAS ENSAIAR O BALANÇAR DA EXISTÊNCIA¹: PREPOSIÇÕES GENERATIVAS DE SOCIALIDADE NEGRA SOBRE RECUSA E FUGA

I MISS JUST REHEARSING THE SWAYING OF EXISTENCE: GENERATIVE PROPOSITIONS OF BLACK SOCIALITY ON REFUSE AND ESCAPE

Bruno da Silva Amorim²

RESUMO

O objetivo deste artigo é possibilitar uma interseção entre as perspectivas de Fred Moten (socialidade e fugitividade), Clóvis Moura (quilombagem), Touam Bona (refúgio e fuga), Beatriz Nascimento (quilombo) e Denise Ferreira da Silva (descolonização) de modo a recordar e figurar formas generosas de socialidade. A recusa e a fugitividade nos oferecem elementos importantes para re/de/compor uma memória potente e mostrar como as operações da negritude articulam invenções radicais, a saber, a quilombagem, que produzem um entre-lugar opondo-se assim à gramática deste mundo (ainda) colonial e seus dispositivos biopolíticos de matabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: recusa; fugitividade; quilombagem; socialidade negra.

ABSTRACT

The objective of this article is to intersect the perspectives of Fred Moten (sociality and fugitivity), Clóvis Moura (quilombagem), Touam Bona (refuge and escape), Beatriz Nascimento (quilombo), and Denise Ferreira da Silva (decolonization) in order to recall and depict generous forms of sociality. Refusal and fugitivity offer us important elements to recompose a powerful memory and show how Blackness operations articulate radical inventions, such as quilombagem, which create an in-between space that opposes the grammar of this (still colonial) world and its biopolitical devices of killability.

KEYWORDS: refuse; fugitivity; quilombagem; black sociality.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, busco investigar a interseção entre as perspectivas de Fred Moten, Clóvis Moura, Touam Bona, Beatriz Nascimento e Denise Ferreira da Silva, aludindo temas centrais como socialidade negra, fugitividade, quilombagem, fuga e

¹ Referência à música “Vontade nego”. Fazeno Rock, Matheus. Vontade nego. em: Jesus não voltará, 2023.

² Assistente social e psicanalista em formação, integra a escola livre Bibliopreta, onde colabora com iniciativas voltadas para a educação popular, arquivos e livros. E-mail: siramorimbruno@gmail.com.

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

descolonização. Ao reunir esses autores, busco não só resgatar, mas evidenciar formas generativas de socialidade, primando assim a importância da recusa e da fugitividade como elementos essenciais para figurar uma memória radical da negritude.

Essas operações são examinadas com e através das práticas e mecanismos radicais articulados pela quilombagem, que se estabelecem como um entre-lugar de resistência. Essa perspectiva, portanto, será articulada aqui como maneira opositiva à gramática do mundo (ainda) colonial e aos seus dispositivos biopolíticos de matabilidade, propondo assim formas de existência e vida (sub)comum que carregam em si capacidades subversivas àquelas lógicas antinegras (ainda) persistentes.

Dessa forma, o artigo busca contribuir para o debate a respeito da predileção das práticas insurgentes, destacando como a negritude figura uma abertura para a libertação através da criação de novas formas de socialidade não só como forma de resistência histórica, mas sobretudo como estratégias ainda capazes de criar novas formas de socialidade, reconhecendo assim a quilombagem como uma prática insurgente e anárquica, destacando como a negritude não apenas sobrevive, mas permanece teimosamente na incansável busca pelo fim do mundo, isto é, pela descolonização.

O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser um guerreiro. E também é o recuo se a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias da destruição.

Beatriz Nascimento.

“MATO A CASA QUE ME MATA E FLECHO O CAÇADOR ANTES QUE ELE DECIDA QUE EU VÁ VIRAR CAÇA”³

Como escrever sobre aquilo que não apenas antecede sua teorização mas a excede? Óbvio, escrever sobre algo é sempre-já chegar atrasado — mesmo que essa noção de tempo-espço, ao menos aqui, venha a se mostrar obsoleta, ou ainda insuficiente —,

³ Op. cit. Vontade nego. Fazendo rock, Matheus, 2023.

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

justamente pelo fato de que essa tentativa frustrada encontra seus limites, tanto lá, quanto aqui.

Como traduzir essa tentativa neurótica de escrever a partir de e a respeito desse algo onde, paradoxalmente, chegamos tarde demais, sempre atrasados, justamente pelo fato de que “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (Marx, 1974, p. 136), nesse evento fundador? O que nos restaria então, se não as tentativas frustradas, falhas, apressadas, determinantes demais, di/ante as maneiras pelas quais essa realidade material e social emergiram (como foram apreendidas, categorizadas, sistematizadas) — com e através dos escritos filosóficos? Não, com certeza não. Aqui, o objetivo é, antes, explicar como se deu “as formações ideais a partir da práxis material” (Marx; Engels, 2007, p. 43) das condições de possibilidade deste um mundo (ainda) antinegro.

Mas se já chegamos tarde nisso, ou melhor dizendo, se (ainda) somos aquilo que possibilitou isso, por onde começar? Começamos com Frank B. Whindersson e “seu” Afropessimismo. Quando escreve sobre a gratuidade da violência antinegra que organiza, estabiliza e distribui a inteligibilidade política e epistemológica da civilização, Wilderson (2011; 2022) também possibilita uma abordagem crítica que retém uma capacidade de desestabilizar não só as estruturas tradicionais de poder e ordem, causando assim uma profunda transformação na dinâmica política e social, mas sobretudo possibilita “uma nova linguagem de abstração para explicar esse horror” (Wilderson, 2010, p. 75) que é a violência racial.

Contudo, também é possível extrair uma compreensão de que a ameaça substancialmente inerente no/do cerne da libertação negra - isto é, aquilo que na negritude possui a capacidade de revelar um outro horizonte de existência (Silva, 2019, p. 124) de socialidade e amizade (Harney; Moten, 2023, p. 13) - não está na maneira pela qual essa mesma libertação se apropria de configurações e sistemas políticos já existentes. Não, com certeza, não. isso porque a verdadeira radicalidade generativa da negritude reside no modo como essa busca por liberdade opera como uma “política de recusa”, transformando-se efetivamente em “um programa de desordem absoluta” (Fanon, 2022, p. 29).

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

Ao passo que excede à tentativa de captura totalizante, negritude emerge como uma espécie de articulação específica – uma forma de vida insurgente – à medida que performa uma im/possibilidade – institui outras alternativas de socialidade, isto é, como Harney e Moten descrevem (2023, p. 5) “um deslocamento de lugar – mais do que como um lugar” onde, na fuga e na recusa, detém a capacidade generativa de praticar o fim "deste" mundo. Isso porque essa socialidade nos ensina que

para que possamos viver na carne/terra, em uma socialidade que seja mais-do-que-humana, o que significa dizer nem genocida nem geocida, as fronteiras que impõem a bipolaridade assassina da in/segurança, que coloca pressão em nós no nível do estado e no nível da personalidade, deve ser tornada absoluta e inteiramente desprotegida. Somente aí nós poderemos decompor a nós mesmas, e encenar nossa incompletude em uma ex-habitação de nosso próprio dispositivo. Esse movimento de migrantes exercita a opção preferencial, também – seja o movimento destrói a fronteira e a nação do modo mais partidário, ou seremos todas destruídas; se perdermos, isto é, destruição universal e completa, não diferença na separabilidade, irão prevalecer. Estar com o movimento migrante é estar em contra o Estado, a fronteira, o povo, a pessoa (personalidade), a neurótica da (in)segurança: não é ser por um tipo diferente de qualquer uma dessas imposições (Harney; Moten, 2023, p. 23).

Já que saturada não é possível ignorar a violência racial que mobilizou Wilderson a (des)escrever a si como nada, se utilizando desse eu lírico para figurar a vacuidade que para ele é transubstancializada no antagonismo ante o mundo; a saber o negro, então, talvez, possamos figurar um programa ético que opere aquém e além dessa sujeição, dessa precariedade ontológica, dessa nadidade. Isso porque, se insistimos nas estéticas, nas performances, naquilo que Fred Moten chamaria de “uma poética social do nada”, podemos portanto figurar, a partir deste imperativo sempre-já transitório, a quilombagem como uma socialidade “permanente de desarticulação dos valores ideológicos e existenciais” (Moura, 2001, n.p.) que *recorde* o desejo e a produção da fuga da captura delirante daquilo que Denise Ferreira da Silva chamou de texto moderno em sua obra *Homo modernus* (Silva, 2022).

Gorender (2016) argumenta que a carne negra não tinha sua humanidade reconhecida sob o prisma de uma norma jurídica e ética, justamente porque a relação que as pessoas negras estabeleceram (e foram forçadas a) com o trabalho era suficiente para

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

compreender que, dentro da categoria ontológica do ser social (Lukács, 2013), o negro passou a desempenhar uma agência perante o cativo, extremamente diferente, e nada equivalente, ao trabalho assalariado regido pela cena ética do valor, como bem explicitou Denise em *A dívida impagável* (Silva, 2024).

Isto é, sendo a carne negra inimiga “visceral do trabalho, uma vez que neste se manifesta totalmente sua condição unilateral de coisa apropriada, de instrumento animado” como dissera Gorender (2016), sua performance – recusatória, fugitiva –, em relação ao trabalho é figurado como “reação à coisificação”. Gorender (2016, p. 109) afirma que

Se nos voltarmos, contudo, à história real, ao escravo real, a dialética apresenta-se a nós como o oposto da hegeliana. Porque o escravo real só conquistava a consciência de si mesmo [...] ao repelir o trabalho, o que constituía sua manifestação mais espontânea de repulsa ao senhor e ao estado de escravidão. A humanidade se criou pelo trabalho e, por mediação dele, se concebeu humanamente – nisto reside a verdade da fenomenologia hegeliana.

Tal afirmação é correlata a Clóvis Moura (2022), quando buscamos nele respostas para os questionamos no que diz respeito a maneira pela qual se contribuiu para a erradicação do sistema escravista. A formulação dessa pergunta – e portanto, sua própria resposta –, não é fácil se a tomarmos apenas como afirmação do/no processo de trabalho, isso porque somos impedidos de compreender que “para nós é justamente no abandono do trabalho que o escravo dinamiza (por negação) o sistema e se afirma como sujeito histórico coletivo” (Moura, 2022, p. 21).

Há um outro aspecto disso. Em “O negro visto por ele mesmo”, Beatriz Nascimento (2022) fundamentou aquilo que viria a ser sua tese sobre os quilombos, nos deixando o legado de compreender que a quilombagem não deve ser interpretada como meras insurgências espontâneas contra o regime de violência total (escravidão), mas antes, a própria evidência de como essa mesma socialidade excede/u o desejo e o gesto inaugural dessa logística carnificenta do próprio arquivo. Isso porque, ao fazer uma leitura com e contra os arquivos, Nascimento (2022, p. 122) não apenas narra e/ou fabula os acontecimentos do passado, mas antes estabelece o que há de continuidade entre ele e o futuro do negro no Brasil.

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

É bom se antecipar, sempre. Óbvio. Com isso, Nascimento (2022) não busca fazer uma história legítima seguindo a lógica de tudo aquilo que essa mesma história determinou como despesa e indigno de ser lembrado, mas de re/posicionar uma estética e uma socialidade a partir daquilo que o arquivo mesmo rejeita e enterra compulsoriamente na sessão de esquecimento, arquivo este como uma sessão de história que dita o que pode ser dito do passado, e os tipos de passado que podem ser contados sobre pessoas catalogadas (Hartman, 2021, p. 33). Isto é, aqui (assim como para Beatriz Nascimento e Clóvis Moura) o quilombo - “como um deslocamento de lugar – mais do que como um lugar” (Harney; Moten, 2023, p. 5) - não deve ser caracterizado uma espécie de debilidade que os incapacitava de enfrentar diretamente o colonizador, justamente porque classificá-los e insinuar unicamente como covardes seria uma interpretação equivocada de sua socialidade.

A implementação dessa prática radical, que Clóvis Moura (2001) denominou de quilombagem, ocorreu através de movimentos e ações que reposicionaram os corpos no território, com o objetivo de criar uma rede que permitisse tanto a fuga quanto o refúgio. Isso ocorre porque estamos discutindo “um sistema alternativo capaz de construir um território diaspórico originado na África, não mais baseado em um passado mitificado” ou em uma transformação futura teleológica, mas sim focado no conceito de aquilombamento, outro nome dado a esse esforço poético de preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga “como formas de resistência e organização” (Nascimento, 2022, p. 104)

Sua elaboração (Nascimento, 2022) abriu espaço para vislumbrarmos uma demanda pela descolonização (Silva, 2019, 2024) como possibilidade de habitar um campo in/determinado, sobretudo no pós-abolição, justamente porque o quilombo figura uma “forma de organização política e social com implicações ideológicas muito fortes na vida do negro no passado e que se projetou, após a abolição, no século XX” (Nascimento, 2022, p. 122).

Dito de outra forma, estudar sobre a fuga e recusa a partir do olhar de Beatriz Nascimento (2022), Clóvis Moura (2001) e de Dénètem Touam Bona (2020), e com eles construir uma possível intersecção com autores como Fred Moten e Stefano Harney (2013) e Denise Ferreira da Silva (2019), significa tramar forças capazes de resgatar e

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

prosseguir com a "performance, ritual e evento" que se inserem e são ligados à "princípios anárquicos" que dão origem a uma atuação que não pode ser representada (Moten, 2003, p. 43), ou seja, permanecer com o que Clóvis Moura (Moura, 2001, n.p.) chamou de "contestação concreta". Isso porque, fugir nunca foi sobre se acovardar. Justamente porque, exatamente isso/aquilo que tentaram fazer de nós nunca foi sobre se acovardar. Antes, nossa performance negra - nossa fugitividade recusatória - deve ser compreendida como um excesso que constitui uma zona de in/determinação.

Mesmo as experiências fossem limitadas pelo aparato biopolítico e disciplinar da violência total, negritude não hesitou em tramar rotas de fuga, possibilidades de evasão de um regime sanguinário, a partir de um rompimento que implicava luta e recusa, enquanto possibilidade para construir outras alternativas de socialidade que foram motivadas "pela necessidade de resistência e não para a acomodação" (Nascimento, 2021, p. 129). Afinal, "no quilombo, o fim do mundo da escravidão já aconteceu" (Natali, 2022, p. 738). Ou seja,

É uma articulação subterrânea, ambígua, sem códigos ou normas, mas que se manifesta em atos objetivos de solidariedade sutis ou dissimulados no escravo passivo. É uma passividade que a qualquer momento pode transformar-se em fuga, ato de violência ou em descaso pelo trabalho, sabotagem, doença simulada ou outras formas de resistência (Moura, 2001, n.p.).

Entretanto, mesmo antes da evasão das plantations [plantações] rumo a uma construção coletiva dos quilombos, as práticas fugitivas de resistência também ocorriam em outros moldes, nas danças e cantos, pelo fato de que estes movimentos e sonhos acionavam e posicionavam os negros escravizados em espaços e tempos que não operavam conforme o tempo hegeliano, isto é, aquele na qual é um dos pilares ontoepistemológicos da modernidade cunhado por Denise Ferreira da Silva (2019), a saber, a sequencialidade.

Assim como Beatriz Nascimento (2021), Leda Maria Martins (2021) também evidencia o papel generativo da musicalidade e dos movimentos das danças que criam formas de fuga, interpretadas por ela como uma inscrição corporal. Essas mesmas inscrições são expressadas através de grafias performadas na dinâmica dos movimentos

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

e na experimentação da temporalidade espiralar, isto é, o canto e a dança situam a ancestralidade no presente.

Isto é, estes conjuntos de saberes geram/geraram formas de resistência e socialidade que se correlacionam diretamente com uma prática estilística própria ao que se executa em cima de um palco, ao som improvisado de uma banda de jazz. Nesse sentido, Beatriz Nascimento (2022) observa que é possível escapar dentro do mesmo espaço através de deslocamentos performáticos e mudanças de orientação; a saber, a fuga quase como em um sentido musical. O momento em que você sente ter total controle, em que não é necessário fugir para outro lugar, mas sim dentro do próprio espaço, para talvez avançar, digamos, uma língua ou receber uma dádiva (Nascimento, 2022, p. 157).

O que implica afirmar que as práticas de quilombagem - de recusa e fugitividade - podem ser caracterizadas como um tipo de movimento que introduz outras formas possíveis de posicionamento corporal, utilizando a ginga, o desvio e a criação de efeitos que mesclam avanço, recusa, opacidade e mistério? Marques (2023) argumenta que a prática da fuga não implica falta de atividade política, isto porque, ao contrário, a fuga gera uma comunidade de afetos que se define por meio de diálogos, arranjos e alianças formadas por linguagens e línguas que se expressam nos ritmos, paisagens, respirações, gestos e posturas, enfim, em tudo o que vive e abre caminhos entre o visível e o invisível.

Toda instanciamento de fuga exige um estudo, uma ruptura das repetições, uma experiência que é feita com e na in/definição, mas também de outras formas de laços, das relações que substituem cotidianamente as formas de vida que orientam a dinâmica da fuga e que, a partir disso, decretam o fim deste mundo. Beatriz Nascimento (2022, p. 158) associa essa dinâmica ao cuidado que não deve ser confundido com um papel de gênero, isto é, não como identidade, mas sim como uma prática como “dinâmica da fuga”.

Ao conduzir a figura da cativa negra como espaço de recusa e fuga, deslocamos a ideia daquilo que Bona (2020, p. 38) chamou de “síndrome de Spartacus”, isto é, “considerar o escravo rebelde do sexo masculino como modelo supremo da luta contra a escravidão”. Entretanto, não nos cabe aqui opormos ou classificarmos os corpos que teriam se estabelecido de maneira dócil nas plantações àqueles que não. Se assim o fizéssemos, estaríamos apostando no erro de foracluir as resistências colocadas em práticas pelas mulheres negras, tais como

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

a riqueza dos modos de transmissão da memória, o domínio da farmacopeia e das cosmologias associadas, o poder de influência e de manipulação da “favorita” sobre o senhor, o infanticídio como gesto de amor paradoxal (retratado de modo magnífico no incandescente *Beloved* [Amada] de Toni Morrison) (Bona, 2020, p. 39).

Essa construção coletiva de territórios mobiliza uma forma radical da e na fuga, isto é, aquilo que Bona (2016, 2020) chama de “secessão marrom” que institui um processo metamórfico: uma entre-lugar que inaugura uma variação contínua aplicada tanto ao local de vida quanto ao modo como os fugitivos aparecem (Bona, 2016). Essa socialidade negra capaz de elaborar uma *coisa-outra* funda o quilombo como “sistema social alternativo, baseado na autodefesa e na resistência como forma política” (Nascimento, 2021, p. 116) e que também institui uma “tradição de vida do negro brasileiro” (Nascimento, 2022, p. 123).

Em outras palavras, significa dizer que - ao passo que a prática da fuga e da recusa funda o quilombo - a quilombagem constitui uma socialidade negra como um perigo fundamental para a vida social através daquilo que Fred Moten (2008) chamou de “socialidade irreduzível e impossível” justamente pela forma como a negritude pode ser entendida como “uma recusa ao status da vida social que a recusou” (2008, p. 188).

Em *Cosmopoéticas do refúgio*, Dénètem Touam Bona (2020) abre uma possibilidade de diálogo com Beatriz Nascimento ao descrever sobre as formas de dissidência que desafiam as narrativas dos vencedores e que se erguem na noite para produzirem linhas de fuga capazes de alterar as superfícies da exploração racial-colonial-capitalista em superfícies heterotópicas que acolhem e alimentam a marronagem. Isso porque Bona (2020, p. 16) identifica que a “secessão marrom” ocorre com a formação de comunidades-refúgio que auxiliavam a camuflagem e o desaparecimento.

Nas colônias dedicadas à produção de açúcar, o termo cimarron era usado para descrever um animal domesticado que fugia para voltar à vida selvagem, e os espanhóis aplicavam essa expressão aos escravos fugitivos, chamando-os de negros cimarrones. A marronagem, portanto, deve ser vista como um processo de desdomesticação: uma transformação libertadora em direção ao selvagem. Ser marron é incorporar o movimento

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

de um cipó: deixar-se envolver pela selva, ao mesmo tempo em que se move por ela (Bona, 2020, p. 81).

Essas formas de socialidade não apenas refletiam a ideia de liberdade, mas também funcionavam como estudo negro, explorando rotas de fuga e orientando aqueles que buscavam libertar-se da violência total. Essa prática envolvia a escrita de saberes de diversas ordens e naturezas, incluindo um saber filosófico particular que oferecia uma concepção alternativa do tempo, suas reverberações e suas influências sobre nosso modo de ser, agir, imaginar, pensar e desejar (Martins, 2021, p. 41).

A imanência da fuga é construída por uma variação de elementos sensoriais e coletivos, que incluem assim uma diversidade de sons, vozes e saberes, ou seja, é uma socialidade que corta a gramática antinegra, pois cria “possibilidades de rasura dos protocolos e sistemas de fixação excludentes e discricionários” (Martins, 2021, p. 42). Ao fugirem das plantations em grupos, os negros, em suas socialidades fugitivas, produziam “um salto fora do espaço da plantation que abre a possibilidade não apenas de uma vida desdomesticada, mas também da abertura de uma zona ofensiva posterior” (Bona, 2016, p. 41), isso significa que, ao produzir essa mudança, modificam a gramática do ambiente desdobrando áreas naturais complexas em regiões contraditórias de incerteza e abrigo.

A negritude enquanto socialidade – a saber, enquanto quilombagem –, excede a dimensão jurídica da escravidão e se revela como um processo performativo de libertação, pois, ao recusar e fugir, desenvolve estratégias de mudança comunitária. Neste sentido, então, a fugitividade funciona como uma habilidade radial que re/configura as dimensões espaços-temporais, pois utiliza os im/previstos e desvios para conjurar caminhos res/guardados nos quais se estabelece uma outra gramática e com isso se trans/formam.

Não se trata de uma inatividade: a fuga é um processo intelectual enquanto estudo negro, uma figuração na qual se entrelaçam tanto a rejeição quanto a afirmação, justamente porque conforme expõe Bona (2020, p. 47), “o refúgio não preexiste à fuga: é ela que o produz, o secreta e o codifica”. A negatização a partir de dentro, seja na colônia ou no capitalismo racial, não se trata de uma fuga ilusória para um fora, mas sim de um “vazamento da realidade” (Bona, 2020, p. 47). A fuga, nesse sentido, não representa recusa à ação (2021, p. 20), pelo contrário, ela reflete a dimensão criadora das “linhas de

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

fuga", onde fugir significa fazer o real vazar e operar variações sem fim para evitar e contornar tentativas de captura.

Este conceito instaura uma política negra radical de recusa, demarcando uma heterotopia que desafia a ordem colonial (Bona, 2020, p. 42). Além disso, na negritude, há sempre um espaço, por menor que seja, para a recusa, oposição, negação, resistência e ação. Para Foucault, diz Bona (2016, p. 31), a escravidão é uma relação de poder na qual o escravizado pode se deslocar e fugir, tendo uma pequena margem de movimento.

Essa socialidade na qual a negritude está situada enquanto recusa e fuga é uma posicionalidade impossível, um território periférico onde com e através dele são forjadas manobras para evitar, ocultar, dissimular, evadir, e contrabandear com e em ações que moldam a própria presença do combatente. A quilombagem enquanto socialidade negra representa uma resposta inventiva, que envolve posturas, técnicas corporais e um saber situado, onde o corpo se torna o primeiro lugar de operações e a primeira posição a ser liberada. Esse corpo, frequentemente imperceptível, desenvolve táticas, truques e estratégias que compõem uma arte da esquiva e da camuflagem (Bona, 2016, p. 32).

A negatização da construção desse espaço fugitivo, a saber, o quilombo, conjura um entre-lugar como zona de contato, uma forma que dobra e torce espaços-tempos, exigindo daqueles que escapam da captura totalizante da violência racial que inventem e experimentem maneiras de torná-la habitável e transformá-la em algo novo. O refúgio não está nem fora, nem dentro de nós, mas na dobradura do mundo e de si mesmo, numa relação suspensa que só se atualiza no próprio movimento de fuga – uma força de fuga que faz de nossos corpos ondas gráficas e utópicas (Bona, 2020, p. 69).

Lembremos também que a construção deste espaço fugitivo recompõe e mantém memórias e tradições através de seus traços e vestígios, manifestados em danças, músicas, ritmos, rituais, sussurros, lutas encenadas e reencenadas na produção de des/aparição e declaração do fim deste mundo (ainda) colonial. Dessa socialidade generativa, surge um novo mundo, um refúgio, uma utopia. Sempre sussurrando, fomentamos nossos projetos de evasão; sussurrar é endereçar uma palavra a um companheiro de forma que ela não possa ser interceptada: uma palavra furtiva que sela o segredo de uma comunidade por vir (Bona, 2016, p. 126).

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

A evasão também influencia a maneira como os corpos são percebidos, alternando entre momentos de visibilidade e de opacidade: a transição entre essas posturas re/configura o que é perceptível e visível, deslocando os corpos dos espaços (tanto concretos quanto simbólicos) designados para eles. Esse movimento tem o potencial de de/compor as redes materiais, discursivas e interpessoais que os sustentam, alterando suas condições de vulnerabilidade e também a forma como articulam suas demandas. A fuga é uma forma de excedência, uma partilha sensível que excede os limites do território, da legibilidade e da compreensão de vida que os subcomuns aspiram construir para si e suas comunidades. Trata-se de uma revolta generosa como socialidade negra.

A negridade enquanto excesso re/define os termos e as condições para uma ruptura com a ordem política, provocando formas de aliança e tensionando as dinâmicas entre diferentes tipos de subjetividade e as diversas forças minoritárias que impulsionam os processos de trans/formação. A socialidade da negridade, através dessas operações, é forjada como aquilo que não pôde ser apreendido, apesar dos esforços violentos da arquitetura colonial. A negridade vislumbra as práticas marrons, quilombolas e práticas invisíveis na fuga e na duração dela, não em seu fim. Dessa forma, negridade é uma expressão de ingovernabilidade, algo que o colonialismo tentou destruir por meio da racialização, mas não conseguiu.

QUANDO ESTAMOS A MORRER A GENTE CORRE, A GENTE INSISTE⁴

A aposta é assumir o descompasso de viver com e nas fronteiras que essa socialidade forja, a saber, na carne/terra onde a “travessia encorpada, afetiva e sensorial [...], como programa simultaneamente autodestrutivo e de invenção” (Mombaça, 2021, p. 59) onde a negridade então, como performance, emerge como socialidade marcada tanto pela violência antinegra - ao mesmo tempo que é incapturável em sua dimensão estética-improvisadora -, como pela sua teimosia em continuar viva. E continuamos.

⁴ referência à música “Da noite”. Fazeno Rock, Matheus. Da noite. em: Jesus não voltará, 2023.

Essa socialidade como uma espécie de éticas indisciplinar, isto é, como uma socialidade do hackeamento, produz com e através das operações da sobrevida da escravidão, possibilidades capazes de desarmar a lógica da violência total (racial) que nos implica em uma abjeção de merda. Isso significa afirmar, portanto, que a edificação da realidade ultrapassa a interdição pré-representacional, que categoriza algo/alguém como um "objeto sem valor" (ou abjeto) e que, nesse contexto, introduz um elemento adicional à dinâmica moderno/colonial: o desimpedimento da recusa. A recusa pode ser vista como uma rota, uma socialidade que reconfigura e desafia categorizações, revelando a falência da representação totalizante desse mundo de merda. Ao mesmo tempo, essa prática abre um espaço contínuo para formas de vida que escapem à captura.

Em outras palavras, recusar é demonstrar que o processo representacional nunca pôde abarcar completamente a variabilidade das experiências, isto é, conforme Denise Ferreira da Silva (2020) expõe, sem a suposição de uma universalidade (em termos de igualdade e/ou transcendência), é inconcebível que indivíduos livres (autodeterminados) ou coletivos aceitem ser representados por qualquer outra pessoa além de si mesmos (Silva, 2020, p. 293).

Se a articulação da quilombagem figura a dimensão radical da recusa política, ética e estética na resistência ao domínio colonial, talvez possamos forjar uma autonomia além das armadilhas do capitalismo racial, dada sua coreografia de fuga (Bona, 2017, 2020; Harney; Moten, 2019). Isto é, a socialidade negra como recusa e fuga, está diretamente relacionado à emancipação coletiva por meio de uma resistência que gera liberdade. “A fuga é uma fuga criativa” (Bona, 2017, p. 3-4). A fugitividade (Harney; Moten, 2019) é a prática de rompimento total com a individuação, a acomodação e a sujeição. Essa prática ecoa o conceito histórico e o projeto político dos quilombos conforme colocado por Abdias (Nascimento, 2019), ou seja, espaços onde africanos escravizados forjavam e construíam sua libertação e dignidade, fugindo do cativeiro e organizando uma sociedade livre (Nascimento, 2019, p. 281).

Ao analisarmos através da lente da negritude (como excesso que excede), composta por suas figurações de recusa, de fuga, de oposição e evasão, podemos identificar não só os empreendimentos do pensamento moderno e sua gramática antinegra, conforme já evidenciados aqui, mas sobretudo, como também é forjada nossa

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

socialidade, organização e grupos. Isso significa dizer que a resistência menor sofreu e ainda sofre tentativas de ser colapsada pelas maneiras posteriormente formadas - ou seja, conforme a tradição radical negra concebe: as práticas de resistência, de recusa e fuga - que antecedem as maneiras “formais” da teoria crítica, como únicas maneiras legítimas de organização política.

Entretanto, a zona de refúgio, isto é, o quilombo como esse entre-lugar nos oferece um dado potente para a configuração de uma forma específica de experiência, ou melhor, uma borda específica para a produção da experiência que tensiona as tecnologias de captura e do capitalismo logístico (Harney, 2024) pois desafia a hierarquia que conecta o olhar e a escuta aos dispositivos de controle e de previsibilidade. Tal atividade de invenção das operações que produzem dissenso (e descolonização radical da qual Ferreira da Silva menciona, a socialidade generativa de Fred Moten) permite o fim do mundo como o conhecemos, isto é, uma demanda de descolonização radical já que demandar o fim deste mundo como nos foi dado a conhecer é pegar de volta tudo que esses *filho-da-puta* roubaram da gente.

Se a princípio a leitura aqui foi proposta com e a partir dos estudos negros, isso se dá porque é através desses estudos que nos é possibilitado revelar, isto é, um gesto capaz de fundamentar aquilo o que mais nos interessa aqui: como um conjunto de práticas fugitivas capazes de fornecerem caminhos, ou ainda, o que a socialidade negra anuncia. Isso significa que essa operacionalização se dá com e através do modo como a recusa aparece - ou ao menos emerge - e de todo um conjunto de saberes que têm nutrido a intelectualidade negra, os estudos radicais negros, disponibilizando assim ferramentas capazes de elaborar rotas de fuga a essa mesma historicidade, isto é, a “vida após a morte a escravidão”, conforme Saidiya Hartman (2021) expõe.

As consequências dessas socialidades manifestam-se na recusa em iniciar, citar ou (re)criar relações de implicação que as aprisionem em um movimento essencialmente contrário à história, “abrindo espaço para uma performance do aqui-agora”, conforme argumentado por Dianne Lima em seu trabalho “Tempo Negro: Abstração e Racialidade na Arte Contemporânea Brasileira”. Este é um dos motivos centrais pelo qual artistas e teóricos contemporâneos racializados se dirigem a uma figuratividade que escapa à formatação moderno-colonial, já que a negridade, suas ferramentas críticas e

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

procedimentos po/éticos demonstram que o mundo não têm conseguido dismantelar o Mundo que suas denúncias supostamente contra-atacam.

Em outras palavras, a dimensão utilitária da linguagem, ao usar a exposição da violência como ferramenta de protesto, não tem sido capaz de realizar a descolonização ou o fim do mundo conforme o conhecemos, onde a violência racial deixe de ter sentido. Assim, a adoção da abstração como estratégia de expressão está muito mais associada à crise das políticas contemporâneas de representação e a um exercício de libertação cognitiva do que a um retorno a uma tendência histórica (Dianne Lima, s/p.).

O que significa ser um fundamento da ontologia deste mundo desgraçado mas que, paradoxalmente, também nos constitui como uma força revolucionária, como um princípio organizativo assistemático e anárquico (Moten, 2023) que assume a negritude como negatividade (recusa) e fugitividade (rebelião), e que por isso carrega em si aquilo que Denise (Silva, 2019, p. 47-48) caracterizou como "a capacidade de interrupção, transformando sua falta de valor ético em uma ferramenta analítica — capaz de desfazer o texto ético moderno"? Não sei. Porém, como afirma Jota (Mombaça, 2021, p. 25), se o mundo, que é o nosso trauma, não para nunca de fazer seu trabalho, então, ser maior que o mundo é nosso contratrabalho. Dito de outra forma, se o mundo se apresenta para nós como colapso, nossa "única demanda política razoável" diante deste apocalipse é o quilombo.

Como afirmou Mombaça (2021, p. 81), ao ressoar os condenados da terra de Fanon, "o apocalipse deste mundo parece ser, a esta altura, a única demanda política razoável". Isso porque, se há um outro mundo por vir, ele está em disputa agora. No entanto, precisamos resistir ao impulso delirante de projetar, "desde a ruína deste, aquilo que pode vir a ser o mundo que vem" (Mombaça, 2021, p. 82). Isso não significa abdicar da responsabilidade de imaginar e invocar forças que participem dessa disputa e possam atravessar o apocalipse em direção à terra incógnita do futuro (Mombaça, 2021, p. 74).

Nossa aposta no futuro, entretanto, não deve ser confundida com um otimismo, porque não resta dúvida de que as coisas vão ficar piores, muito pelo contrário, é justamente "a partir dessa consciência trágica do colapso em curso que é possível elaborar as rotas e táticas para a fuga" (Mombaça, 2021, p. 99). Ao fabular rotas de fuga

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

conjuntamente, Mombaça (2021, p. 111-112) traça um dos principais pontos que norteiam sua figuração estético-política, o “pessimismo vivo”:

Ser pessimista, no entanto, não significa desistir ou aceitar uma imagem fixa do apocalipse universal como destino último de toda forma de vida. Falo de um pessimismo vivo, capaz de refazer indefinidamente as próprias cartografias da catástrofe, com atenção aos deslocamentos de forças, aos reposicionamentos e coreografias do poder. No limite, falo de um pessimismo que é nada mais que um estudo, no sentido trazido aqui a partir de Moten e Hamey: um plano de fuga.

Podemos inferir que em Mombaça (2021) ecoa algo que se assemelha às orientações mais do que cruciais para a travessia e a evasão justamente porque recusar-se a oferecer alternativas não é uma recusa à imaginação, mas um gesto, uma aposta, uma morosidade com e na luta para transformar a imaginação em uma força descolonial que liberte o mundo por vir das merdas deste mundo por acabar.

PÔR DO SOL MARROM⁵

Por fim, como bem demonstrou Denise Ferreira da Silva (2020, p. 112) “não só é possível, mas também necessário, começar a conceber a existência de uma maneira diferente”. Contudo, para efetivar essa abordagem, é crucial permitir-se explorar uma transmutação em nossa forma de pensar e especular através de uma imaginação radical. Em outras palavras, “o trabalho que precisa ser feito é liberar o pensamento e a criação em direção a algo diferente” (Silva, 2020, p. 112).

Isso significa que, se no mundo antinegro a metafísica ocidental utiliza a negritude para sustentar a sensação de segurança e sua fantasia de triunfo sobre o nada (negro), isto é, como o terror ontológico funciona e é essencial para a vida do mundo, a única possibilidade de libertação negra é a destruição deste. Em outras palavras, o único caminho viável para uma libertação radical é o fim deste mundo, porque enquanto o mundo existir como tal, o negro será apenas um dispositivo em forma humana, uma ilusão ôntica (Warren, 2018, p. 147).

⁵ Referência à música “Pôr do sol marrom”. Fazeno Rock, Matheus. Da noite. em: Jesus não voltará, 2023.

É possível vislumbrar uma socialidade - fora das noções econômicas de mercadoria e de valor que subsidia a cena ética (Silva, 2024)? Seria mais adequado reclamar, como fez Hartman em *perder a mãe* (2022), que estamos órfãos ou que nunca houvera mãe? Ou então assumir que vida negra = nada (?) como faz Frank B. Wilderson em *afropessimismo* (2021) como aquilo que possibilita a vida, e que se mostram insuficientes para a inexperiência incerta e prematura da negridade como “vida roubada” (Moten, 2018, p. 267) operando o abandono e proteção simultaneamente fazendo da vida negra algo, justamente, a partir deste nada?

Podemos afirmar que, de alguma forma existe algum momento, uma socialidade que exceda esse cálculo. Algo que no meio de toda essa merda, se transmuta em outra coisa. Outra coisa que fica com (e vislumbra) a vida negra além e aquém do porão. Tenhamos a plena certeza que quem conhece profundamente o que é a liberdade e o que deve ser o futuro é a vida negra. O que é habitar esse lugar de nada, de carga, de mercadoria, esse objeto plástico e fungível que informa a noção ética do valor? É talvez sobre aquilo que em seu excesso mesmo exceda essa violência contra a carne. E que por esse excesso mesmo escape da violência total e inventa a quilombagem. Isso não são metáforas. Talvez seja isso mesmo, viver entre as pessoas que não têm nada e que, não tendo nada, têm tudo. Isso significa que, se vocês disseram que *a gente = nada*, isto é, que a vida negra é nada, então nada é tudo que a gente tem (Moten, 2013). É nesse limiar do “e se” que os subcomuns se encontram, em sua socialidade generativa, em sua quilombagem. E justamente por isso queremos que vocês se fodam!

CONCLUSÃO

A socialidade negra não se limita apenas à resistência como um mero ato de oposição, mas se manifesta como um projeto generativo de novos horizontes de vida, em negação. Ao rejeitar as determinações do mundo moderno-colonial, o quilombo não apenas contesta as estruturas de poder, mas constrói formas alternativas de existência que desarticulam a tentativa de obliteração.

As práticas de recusa não são meramente negativas, mas antes afirmam uma capacidade produtiva de con/figurar a gramática, o território e os vínculos. Ao ficarmos

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

com e pela negritude, a fugitividade não só figura a impossibilidade da violência total (racial-colonial), mas também evidencia a capacidade de revelar um outro horizonte existencial de socialidade e amizade.

Além disso, ao deter a capacidade de questionar as categorias de valor e mercadoria que sustentam e possibilitam o mundo como o conhecemos, a negritude expõe a noção de vida ética subsidiada pelo econômico. Por isso, se afirma uma socialidade que só pode existir comunitariamente, isto é, juntos, na carne/terra. Assim, as preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga emergem como uma abertura no tempo-espaco que desmantela e re/modela continuamente as noções de resistência e luta disponíveis na história.

REFERÊNCIAS

Bona, Dénètem Touam. **Fugitif, où cours-tu?** Paris: PUF, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/47581880/Fugitif_o%C3%B9_cours_tu_. Acesso em: 01 out. 2024.

Bona, Dénètem Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**. Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie, 2020.

Harney, Stefano; Moten, Fred. **Conversação Los Abajocomunes**. Para: CASA-ESCOLA, projeto pedagógico da Casa do Povo, 2023. Disponível em: https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2023/11/fred-moten-stefano-harney_conversacao_los_abajocomunes.pdf.

Fanon, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Harney, Stefano. **Genealogias da Logística**. Matéria crítica para massa crítica. Para: CASA-ESCOLA, projeto pedagógico da Casa do Povo, 2023. Disponível em: https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2023/11/fred-moten-stefano-harney_genealogias-da-logistica.pdf.

Gorender, Jacob. **O escravismo colonial**. 6. ed. São Paulo: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2016.

Silva, Denise Ferreira da. Denise Ferreira da Silva [Entrevista concedida a] Hans-Ulrich Obrist, em H. Obrist, Entrevistas brasileiras: volume 2. Rio de Janeiro: Cobogó. 2020.

Harney, Stefano; Moten, Fred. **The undercommons** – fugitive planning & black study. Wivenhoe e New York e Port Watson: Minor Compositions, 2013.

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

Hartman, Saidiya. **Perder a mãe**: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Marx, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Trad. José Arthur Giannotti e Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

Marx, Karl & Engels, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

Lukács, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2013.

Marques, Ângela C. S. Zonas de articulação, refazimento e refúgio nas poéticas emancipatórias de Beatriz Nascimento, Rancière, Mondzain e Touam Bona. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 86, sep./dec. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/wbLxWPBD6L5r5hsdzHwN78t/>. Acesso em: 01 out. 2024.

Martins, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Mombaça, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Moten, Fred. The Case of Blackness. **Criticism**, v. 50, n. 2, 2008.

Moten, Fred. **Stolen life**. Durham: Duke University Press, 2018.

Moten, Fred. **Na quebra**: a estética da tradição radical preta. São Paulo: Crocodilo: n-1 edições, 2023.

Moten, Fred. **Ser prete e ser nada (misticismo na carne)**. em: Moten, Fred. Pensamento negro radical: antologia de ensaios. São Paulo, Editora Crocodilo e n-1, 2021.

Moura, Clóvis. **A quilombagem como expressão de protesto radical**. em (org.). Os quilombos na dinâmica social do Brasil. Maceió: EDUFAL, 2001.. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408011/mod_resource/content/1/MOURA-Clovis_A%20Quilombagem%20como%20expressao%20de%20protesto%20radical.pdf

Moura, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Dandara, 2022.

Nascimento, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Natali, Marcos. **O Afropessimismo e a antinegitude do mundo**. Afro-Ásia. Salvador: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/aa.v0i66.52097>. Acesso em: 24 jun. 2024.

Harney, Stefano; Moten, Fred. **O vento comum da condição de sem mundo**. Para: CASA-ESCOLA, projeto pedagógico da Casa do Povo, 2023. Disponível em:

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58

https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2023/11/fred-moten-stefano-harney_o_vento_comum_da_codicao_de_sem_mundo.pdf.

Silva, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. Tradução: Amílcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Forma Certa, 2019. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.

Silva, Denise Ferreira da. **Homo modernus: Para uma ideia global de raça**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

LIMA, Diane. **Tempo negro: abstração e racialidade na arte contemporânea brasileira**. 26. I. Disponível em: <https://estudosdecoloniais.mac.usp.br/painel-curatorial/diane-lima/>.

Wilderson III, Frank B. **The vengeance of vertigo: aphasia and abjection in the political trials of black insurgents**. In Tensions, University of California, Irvine (African American Studies/Drama Department), 2011. Disponível em: <https://intensions.journals.yorku.ca/index.php/intensions/article/view/37360/1817>.

Gomez Herrero, Fernando; Wilderson III, Frank B. **The Afropessimist never drinks the Kool-Aid of black enlightened progress: an interview with Frank B. Wilderson III**. Diacritics, v. 50, n. 4, p. 72-97, 2022. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/1/article/916403>.

Warren, Calvin. **Ontological terror: Blackness, nihilism, and emancipation**. Durham: Duke University Press, 2018.

Recebido em: 01/11/2024 Aprovado em: 28/02/2025
--

Sinto falta de apenas ensaiar o balançar da existência: preposições generativas de socialidade negra sobre recusa e fuga – Bruno da Silva Amorim – p. 39-58